

A IMAGEM DA ÁRVORE EM CAMÕES E CARLOS DE OLIVEIRA

Patrícia Resende Pereira¹

Resumo: A proposta do texto é estabelecer um diálogo entre os poetas portugueses Luís Vaz de Camões e Carlos de Oliveira, a partir da reflexão sobre como a árvore é apresentada em ambos. Portanto, como objeto de pesquisa, tomamos o poema “Árvore”, de Oliveira, publicado no livro “Micropaisagem”, de 1969, e o soneto “Árvore, cujo pomo, belo e brando”, de Camões. Ao longo do estudo, percebemos que Camões busca enfatizar a força da árvore, ao mesmo tempo em que procura destacar a gratidão que sente por sua existência, enquanto Oliveira também destaca as qualidades dessa árvore, mas estabelece relação com o processo da escrita.

Palavras-chave: Imagem da árvore. Poesia portuguesa. Natureza

INTRODUÇÃO

Quando se pensa na relação entre a natureza e a poesia, a estudiosa Ana Maria Lisboa de Mello (2002) destaca que o poeta atua como uma espécie de intermediário entre as duas, como se emprestasse a sua voz para a natureza. Para tornar esse princípio possível, de acordo com a pesquisadora, o poeta entra em estado de comunhão com a natureza, em que “libera a imaginação, permitindo-se ver o mundo com novas visões, expressas em imagens”. (MELLO, 2002, p. 55).

Segundo Mello (2002), é necessário enfatizar que “o mundo, a humanidade, a natureza falam por intermédio do poeta, emitindo imagens”. (MELLO, 2002, p. 55). Nota-se, então, que o poeta atua quase como um porta-voz, por assim dizer, dos elementos do mundo, transformando-os em imagem, por meio das palavras. Nesse ponto, com o intuito de esclarecer essa questão, é necessário recorrer ao que é explicado por Octávio Paz (1990), quando reflete sobre a imagem na poesia.

Conforme o poeta e teórico, a imagem, quando se dá por meio da palavra poética, pode ser composta por “toda forma verbal, frase ou conjunto de frases, que o poeta diz e que unidas compõem um poema” (PAZ, 1990, p. 37). Pode-se perceber, então, que a palavra do poeta é capaz de formar uma imagem, questão também enfatizada por Jean-Pierre Vernant (2010). Segundo o estudioso, as palavras do poeta são equivalentes à figuração para o pintor,

¹ Doutoranda em Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

no que diz respeito ao modelo a ser apresentado. Vernant (2010) reforça o seu argumento na voz dos filósofos antigos ao citar o poeta grego Simônides: “A palavra é a imagem (*eikón*) das ações” (SIMÔNIDES *apud* VERNANT, 2010, p. 64).

Percebe-se, nesse sentido, que o poeta tem condições de construir uma imagem por meio das palavras, ao mesmo tempo em que dá voz à natureza. Contudo, como essa questão se dá em dois poetas de tempos distintos? De que modo a imagem da natureza pode ser apresentada, por meio de palavras, na obra de dois autores diferentes? Tendo essa questão em mente, o propósito do presente artigo é investigar a maneira como a imagem da natureza se faz presente na obra de dois escritores portugueses: Luís Vaz de Camões e Carlos de Oliveira.

A razão da escolha se deve ao fato de que Camões é um poeta do XVI, enquanto Oliveira é contemporâneo e morreu em 1981. Portanto, acredita-se que a proposta de estabelecer um diálogo entre os dois autores pode enriquecer a discussão, além de apontar aproximações e distanciamentos na maneira como a natureza aparece na obra de ambos. Todavia, é válido destacar que, diante da grande quantidade de escritos sobre a temática, optou-se por escolher, apenas, a forma como a árvore pode ser vista.

Em razão dessa questão, selecionamos o poema “Árvore”, de Oliveira, que está incluso em *Micropaisagem*, de 1969, presente em *Trabalho Poético*, coletânea com todos os livros de poesia do autor, e o soneto “Árvore, cujo pomo, belo e brando”, da lírica camoniana, presente em *Camões: 200 Sonetos*, publicado em 1998.

1 A ÁRVORE EM CAMÕES: FORÇA E GRATIDÃO

Nascido em 1524 ou 1525, conforme Benjamin Abdala Júnior (2007), Camões é um dos poetas portugueses mais conhecidos. Autor de *Os Lusíadas*, no qual apresenta, por meio de versos, a história de Portugal, Camões é responsável, ainda, por uma série de sonetos, canções, elegias, entre outros. Ao lado disso, segundo o estudioso, a poesia camoniana tem forte relação com o contexto histórico em que foi escrita. “A obra de Camões, definida como renascentista, traz reflexões e procedimentos artísticos que o levam para além da época do Renascimento. Temas universais o associam a outras tendências artísticas e sua obra constituiu um importante repertório literário [...]”. (ABDALA JÚNIOR, 2007, p. 68).

Entretanto, a estudiosa Maria Vitalina Leal de Matos (2012) coloca em dúvida se o poeta foi, de fato, renascentista, ao considerar a possibilidade de que Camões era maneirista.

De todo modo, a pesquisadora concorda que o período do Renascimento “marcou-o [Camões] e a sua irreduzível originalidade não o impediu de se integrar profundamente no seu tempo”. (MATOS, 2012, p. 16). A autora enfatiza, ao lado dessa questão, que, durante o século XVI, o poeta acaba sendo pautado pelo desejo da descoberta, deixando um pouco de lado o princípio da imitação.

Com essas questões em mente, iniciamos, então, a análise do soneto “Árvore, cujo pomo, belo e brando”. Vale destacar que, nesse primeiro momento, uma das questões que salta aos olhos é o fato de Camões idealizar a árvore, como se pode notar após a leitura do texto poético na íntegra:

Árvore, cujo pomo, belo e brando,
natureza de leite e sangue pinta,
onde a pureza, de vergonha tinta,
está virgíneas faces imitando;

nunca da ira e do vento, que arrancando
os troncos vão, o teu injúria sinta;
nem por malícia de ar te seja extinta
a cor, que está teu fruto debuxando.

Que pois me emprestas doce e idóneo abrigo
a meu contentamento, e favoreces
com teu suave cheiro minha glória,

se não te celebrar como mereces,
cantando-te, sequer farei contigo
doce, nos casos tristes, a memória.
(CAMÕES, 1998, p. 28)

A ideia de idealizar a árvore parece ligada a uma das questões levantadas no *Dicionário de Luís de Camões*, organizado por Vitor Aguiar e Silva (2011). No livro, é dito que a natureza aparece, em alguns momentos, de forma idealizada, ainda que para isso apareça associada ao processo de idealização da amada. Contudo, em nossa análise, notamos que em momento algum a amada é mencionada, o que faz com que apenas a árvore seja idealizada.

É possível ilustrar tal afirmativa logo com a sua primeira estrofe, na qual se conta sobre o fruto da árvore:

Árvore, cujo pomo, belo e brando,
natureza de leite e sangue pinta,
onde a pureza, de vergonha tinta,
está virgíneas faces imitando;
(CAMÕES, 1998, p. 28).

Com isso, nota-se que o poeta utiliza a oposição entre os elementos no momento de descrever o fruto. Nesse caso, a natureza colore de branco do leite o pomo da árvore, ao mesmo tempo em que ele ganha as cores do vermelho do sangue. Vale destacar aqui o que é dito pelos pesquisadores Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (1986), no *Dicionário de Símbolos*, sobre essas cores. De acordo com eles, o branco pode ser entendido como a cor da morte e do duelo, visto que “absorve o ser e o introduz ao mundo lunar e frio; conduz à ausência, ao vazio noturno, ao desaparecimento da consciência das cores diurnas”.² (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1986, p. 190, tradução nossa). Já o vermelho é considerado como a tonalidade do fogo e do sangue, além de fazer parte do imaginário de alguns povos como a cor da vida.

Camões produz, nesse sentido, uma oposição entre a vida e a morte, quando faz referência ao branco do leite e ao vermelho do sangue. Percebemos que dessa oposição surge, exatamente, uma imagem. Para tornar plausível o argumento, é possível ilustrar essa afirmativa com um exemplo dado por Paz (1990). Segundo o autor, as crianças ficam intrigadas quando é dito que um quilo de pedra e um quilo de pluma pesam o mesmo. Todavia, o poeta leva essa afirmativa para outro nível ao dizer que as plumas são pedras, criando, com isso, um terceiro elemento. Sobre essa constatação contraditória, Paz (1990) afirma: “a imagem resulta escandalosa porque desafia o princípio da contradição: o pesado é o leveiro. Ao enunciar a identidade dos contrários atenta contra os fundamentos do nosso pensar.” (PAZ, 1990, p. 38).

Nessa situação provocada pelo poeta, não existe mais plumas ou pedras, mas um terceiro elemento. O poeta, então, cria uma mistura de pedra e pluma em sua poesia. Percebemos que o mesmo faz Camões ao propor a união contraditória entre vida e morte ao escrever sobre as cores do fruto da árvore. É dessa oposição que se gera o fruto de que o poeta fala. Assim como as plumas e as pedras geram um terceiro elemento na poesia, o vermelho e o branco formam o fruto da árvore.

Entretanto, percebemos na estrofe citada que não é apenas nas cores que se cria tal oposição. Ela também está presente em “onde a pureza, de vergonha tinta / está virgíneas faces imitando” (CAMÕES, 1998, p. 28). Nesse caso, o poeta fala de uma pureza que sente

² No original, em espanhol: “(...) que absorbe el ser y lo introduce en el mundo lunar, frío y hembra; conduce a la ausencia, al vacío nocturno, a la desaparición de la conciencia y de los colores diurnos”. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1986, p. 190).

vergonha, ao mesmo tempo em que procura imitar a face virgínea da própria vergonha, misturando aí o puro e o impuro. É possível afirmar, dessa forma, que o pomo da árvore mencionado pelo poeta é produzido pelo confronto entre forças: a oposição entre vida e morte, pureza e impureza, branco e vermelho. E é dessa contradição que surge a imagem, como na já mencionada situação das plumas e das pedras.

O poeta menciona a tonalidade do fruto mais uma vez, no último verso da segunda estrofe:

nunca da ira e do vento, que arrancando
os troncos vão, o teu injúria sinta;
nem por malícia de ar te seja extinta
a cor, que está teu fruto debuxando.
(CAMÕES, 1998, p. 28).

Ao mencionar a cor do fruto, que agora está tomando forma, é indicado que nem mesmo o vento mais forte é capaz de extingui-lo, resultado da oposição de tantos elementos. Vale destacar que é a tonalidade do pomo que fornece indícios de que ele está apropriado para o consumo. Assim, percebemos que Camões destaca, também, a força da árvore, já que seu fruto é tão poderoso que nada é capaz de destruí-lo, bem como o próprio elemento que dá título ao soneto. Isso acontece quando o poeta nos diz que nada na natureza tem condições de arrancar o seu tronco, transformando, em alguns momentos, o vento como inimigo.

Dessa forma, notamos que a árvore é apresentada como algo tão forte que é incapaz de ser ameaçada pelo vento, assim como o seu fruto, com uma coloração resultado do confronto de tantas forças. Ao lado disso, Camões se concentra em destacar os benefícios fornecidos por essa árvore, como o já citado fruto, alimento dos homens e dos animais, e o abrigo de sua sombra.

Esse princípio torna-se claro em toda a terceira estrofe do soneto e, de modo especial, no verso: “Que pois me emprestas doce e idóneo abrigo”. (CAMÕES, 1998, p. 28). Isso indica que, apesar de forte, a árvore é generosa o suficiente para oferecer ao poeta um abrigo. Camões se sente grato por isso, ao dizer, no primeiro verso da última estrofe: “se não te celebrar como mereces, / cantando-te, sequer farei contigo / doce, nos casos tristes, a memória”. (CAMÕES, 1998, p. 28). Com isso, pode-se perceber que o poeta busca idealizar a árvore, como foi dito no começo desta seção, tendo em vista que a árvore possui força, é

incapaz de ser afetada pelo vento e, ao mesmo tempo, é extremamente generosa, oferecendo sombra e alimento para os animais e o próprio poeta.

Portanto, tendo essas questões em mente, partiremos, agora, para a investigação do poema de Oliveira, “Árvore”.

2 CARLOS DE OLIVEIRA: O ENTRELAÇAMENTO ENTRE ÁRVORE E A ESCRITA

Após a análise do poema de Camões, concentraremos nossos esforços no poema “Árvore”, de 1969, de Carlos de Oliveira. O poeta contemporâneo, nascido em 1921 e falecido há mais de trinta anos, é conhecido pela forma como relaciona realidade e imaginação, enquanto reflete sobre o processo da escrita, buscando relacioná-la aos elementos exteriores. Segundo a estudiosa de sua obra, Rosa Maria Martelo (1998), Oliveira é extremamente visual, tornando possível, com isso, que a imagem perceptiva tenha presença marcante em seu trabalho.

Quando concentramos nossos esforços na reflexão sobre o poema “Árvore”, de Oliveira, percebemos que, ao contrário de Camões, sempre empenhado em destacar a força da árvore e o quanto é grato por sua existência, o segundo poeta se dedica em usar o objeto como ponto de partida para pensar sobre o processo da escrita. Assim, percebe-se que Oliveira procura estabelecer uma ligação entre os elementos exteriores e a própria escrita, como se a árvore estivesse sendo criada ali, no momento em que escreve, diante dos olhos do leitor, como se pode perceber ao ler o poema:

I
As raízes da árvore
rebentam
nesta página
inesperadamente
por um motivo
obscuro
ou sem nenhum motivo,
invadem o poema
e estalam
monstruosas
buscando qualquer coisa
que está

em estratos
fundos,

II
talvez poços,
secretas
fontes primitivas,
depósitos, recessos
onde haja
um pouco de água
que as raízes
procuram
de página
em página
com a sua obsessão,
múltiplos filamentos
trespassando
o papel,

III
seguindo o fio
da tinta
que desenha
as palavras
e tenta
fugir ao tumulto
em que as raízes
grassam,
engrossam, embaraçam
a escrita
e o escritor:
como podem
crescer
de tal modo

IV
no poema
se a árvore
foi dispersa
em pranchas de soalho,
em móveis e baús
que fecham
para sempre
coisas
tão esquecidas,
como podem
romper
de súbito impetuosas
na aridez
do livro

V
e perseguir-me
assim,
se a areia
donde vêm
já vitrificada
pelo tempo

oculta
a árvore
que morreu:

procuram
instalar-se
no interior da linguagem
ou substituí-la
por uma
infiltração

VI
quase mortalizante:
mas
de repente
como apareceram
as raízes sossegam
[que terão
encontrado?]
e retiram
com o mesmo fluxo
do mar que se retrai
e deixa
atrás de si
silêncio:

VII
é então que vejo
no halo mais antigo
a árvore desolada,
os ramos em que poisam
as aves
doutros livros,
e pressinto
as raízes
através da sílica
onde a família dorme
com os ossos dispostos
nessa arquitectura
duvidosa
de símbolos

VIII
que chegaram
aqui
de mão em mão
para caberem todos
na constelação
exígua
que fulgura
no canto do quarto:
o baú ponteadado
com o céu
por tachas amarelas,
por estrelas
pregadas na madeira
da árvore.
(OLIVEIRA, 1998, p. 233-236).

Em sua pesquisa sobre *Micropaisagem*, livro em que “Árvore” faz parte, Márcia Barbosa (1994) conclui que a poesia de Oliveira torna possível que o elemento apresentado se faça presente diante do leitor. Nesse caso, a estudiosa destaca que “o uso constante de pronomes demonstrativos, tais como ‘este’, ‘esta’, aproxima o leitor, e a presentificação dos fenômenos leva-o a vivenciar instantaneamente o conteúdo veiculado pelo texto e as emoções que este desperta”. (BARBOSA, 1994, p. 53).

Essa questão pode ser vista, segundo a pesquisadora, de maneira clara em “Árvore”. Nele, o objeto parece tomar forma diante não apenas dos olhos do leitor como também na página em que está escrito, como comprovam os versos sobre as raízes:

seguindo o fio
da tinta
que desenha
as palavras
e tenta
fugir ao tumulto
em que as raízes grassam,
engrossam, embaraçam
a escrita e o escritor:

como podem
crescer
de tal modo
(OLIVEIRA, 1998, p. 235).

Nesse caso, as raízes não apenas crescem da árvore, como possuem força o bastante para embaraçar a escrita e o próprio autor. Com isso, o poeta apresenta como a escrita e o ato de criação desse ato, a árvore, dividem o espaço e se confundem no texto, tendo as duas coisas igual força. Ao lado disso, é necessário afirmar que a raiz é um dos elementos de maior destaque do poema, fazendo-se presente em quatro partes do poema, que é composto por oito. Portanto, estabelecendo uma comparação entre os dois textos poéticos analisados neste texto, já é possível notar que, enquanto Oliveira dá ênfase à raiz, Camões prefere destacar o fruto da árvore em seu soneto.

No texto de Oliveira, a raiz aparece como algo rebelde e incontrolável, com uma grande força, capaz de invadir qualquer coisa, até mesmo um texto escrito, como comprova a primeira parte de “Árvore”:

As raízes da árvore

rebentam
nesta página
inesperadamente
por um motivo
obscuro
ou sem nenhum motivo,
invadem o poema
e estalam
monstruosas
buscando qualquer coisa
que está em estratos
fundos,
(OLIVEIRA, 1998, p. 233).

Pode-se ver que, tal qual Camões, Oliveira faz uso de um elemento para ilustrar a força da árvore. Para apresentar essa característica, o poeta, também como Camões, que se aproveita da oposição dos elementos para apresentar o pomo, recorre ao contraponto, mas, dessa vez, entre os planos, para falar da árvore. Enquanto a árvore se entrelaça na própria escrita, ela mesma é a matéria provedora do livro, visto que as páginas onde o poema está inserido foram, elas mesmas, uma árvore um dia. Essa questão aparece de modo claro na quarta parte do texto poético:

no poema
se a árvore
foi dispersa
em pranchas de soalho,
em móveis e baús
que fecham
para sempre
as coisas esquecidas,
como podem
romper
de súbito impetuosas
na aridez
do livro
(OLIVEIRA, 1998, p. 236).

Assim, o poeta mostra que a árvore se dividiu, transformando-se em objetos de utilidade para o homem, como, por exemplo, um baú, até romper com a aridez do livro, resultado de outra separação. Sobre esse ponto, como adverte Martelo (2004),

A árvore que inesperadamente rompe a disposição abiótica das linhas sobre a página, com as raízes a avançarem precipitadamente sobre o texto, parece vir de fora da escrita, a escrita tece-se sobre essa mesma matéria invasora, já que o papel representa, por metonímia, um estado posterior e humanizado da árvore. (MARTELO, 2004, p. 76).

Ao mesmo tempo, percebemos que ser transformada em folhas de papel não é o final dessa árvore: ela é tão forte que, mesmo cortada, possui força para romper com a aridez do livro. Entendemos que a palavra aridez, nesse sentido, é uma referência ao próprio solo no momento de se plantar algo, tornando possível, então, que a árvore, mesmo dividida, ainda possua força para influenciar na produtividade do livro, que ali se transforma na terra do plantio dos poemas.

Nesse ponto, é necessário recorrermos ao que diz o poeta e pesquisador Manuel Gusmão (1981) sobre “Árvore”. Conforme indica Gusmão (1981), a árvore morre quando dispersada e transformada em objetos, como baú ou pranchas de soalho, algo apresentado na já citada quarta parte. Entretanto, isso não indica, de fato, o fim da árvore, pois o estudioso discute que “no último poema-fragmento, o baú surge como arquitetura e constelação, túmulo e céu, morte e continuação (transformação) da árvore.” (GUSMÃO, 1981, p. 141).

Percebemos, com isso, que a árvore no poema de Oliveira é algo forte, com raízes rebeldes o suficiente para embaraçar as próprias palavras do texto, e, mesmo cortada, ainda possui uma continuação, como é o caso do livro em que “Árvore” está impresso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste estudo, verificou-se a maneira como a imagem da árvore se faz presente nos textos poéticos de Carlos de Oliveira e Camões. Percebemos que os dois poetas buscam apresentar a força da árvore: Camões por meio do fruto e a sua oposição entre os elementos e Oliveira tendo como ponto de partida a raiz que se embaraça nas próprias palavras do texto.

Notamos que, no caso de Camões, há uma busca também por enfatizar a generosidade dessa árvore que, apesar de forte, ainda é bondosa o bastante para oferecer alimento e sombra ao poeta. Pode-se ver, portanto, que o poeta idealiza essa árvore, ao mesmo tempo em que usa a imagem como ponto de partida para isso. Sua árvore é forte, dona de um fruto que é produto da contradição de uma série de elementos, e, ainda assim, é generosa para oferecer abrigo ao poeta.

Contudo, no poema de Oliveira, a árvore é apresentada em dois planos: a já mencionada rebeldia de suas raízes e o produto da qual é provedora, como os móveis e o

próprio livro onde o poema está inserido. Assim como acontece em Camões, notamos, de certa forma, uma idealização no que diz respeito à árvore em Oliveira. Apesar de no final ter sido vencida e transformada em outros objetos, como móveis e o próprio livro, algo que não aconteceu em Camões, já que nem mesmo o vento vence a árvore da qual fala o poeta do século XVI; ainda assim, a árvore em Oliveira é dotada de grande força, pois os objetos derivados dela passam a ser vistos como uma continuação e não como um fim.

Dessa forma, podemos notar, a partir desta reflexão, que a força da árvore é o principal ponto em comum entre os dois poetas. No entanto, enquanto Camões investe no contraste entre elementos para idealizar a árvore, Oliveira procura construir a imagem desse objeto diante dos olhos do leitor, enfatizando a sua força e a sua eternidade, conferida, agora, nos objetos derivados dela.

REFERÊNCIAS

- ABDALA JÚNIOR, Benjamin. *Literaturas de língua portuguesa: marcos e marcas*. São Paulo: Arte & Ciência, 2007.
- BARBOSA, Márcia Helena Saldanha. Cantata, Sobre o Lado Esquerdo e Micropaisagem: as regras do jogo. *Boletim do Centro de Estudos Portugueses*. v. 14, n. 18, jul/dez, 1994.
- CAMÕES, Luís Vaz de. Árvore, cujo pomo, belo e brando. In: CAMÕES, Luís Vaz de. *Camões: 200 Sonetos*. Porto Alegre: L&PM, 1998.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Diccionario de los Símbolos*. Barcelona: Editorial Herder, 1986.
- GUSMÃO, Manuel. Árvore (Micropaisagem). In: GUSMÃO, Manuel. *A Poesia de Carlos de Oliveira*. Lisboa: Seara Nova Editorial de Comunicação, 1981.
- MARTELO, Rosa Maria. *Carlos de Oliveira e a referência em poesia*. Campo das Letras: Porto, 1998.
- MARTELO, Rosa Maria. Carlos de Oliveira e a erosão do mundo. In: MARTELO, Rosa Maria. *Em Parte Incerta: Estudos de poesia portuguesa moderna e contemporânea*. Porto: Campo das Letras, 2004.
- MATOS, Maria Vitalina Leal de. O lirismo do Renascimento português. Prefácio. In: CAMÕES, Luís. *Lírica de Camões. Antologia*. Lisboa: Caminho, 2012.
- MELLO, Ana Maria Lisboa de. Mito e literatura: prosa e poesia. In: MELLO, Ana Maria Lisboa de. *Poesia e Imaginário*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

OLIVEIRA, Carlos de. Árvore. Micropaisagem In: OLIVEIRA, Carlos de. *Trabalho Poético*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1998.

PAZ, Octavio. A Imagem. In: PAZ, Octavio. *Signos em Rotação*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1990.

SILVA, Vitor Aguiar e. *Dicionário de Luís de Camões*. Alfragide (Portugal): Editorial Caminho, 2011.

VERNANT, Jean-Pierre. Nascimento de Imagens. In: LIMA, Luiz Costa (org.). *Mímesis e a reflexão contemporânea*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.